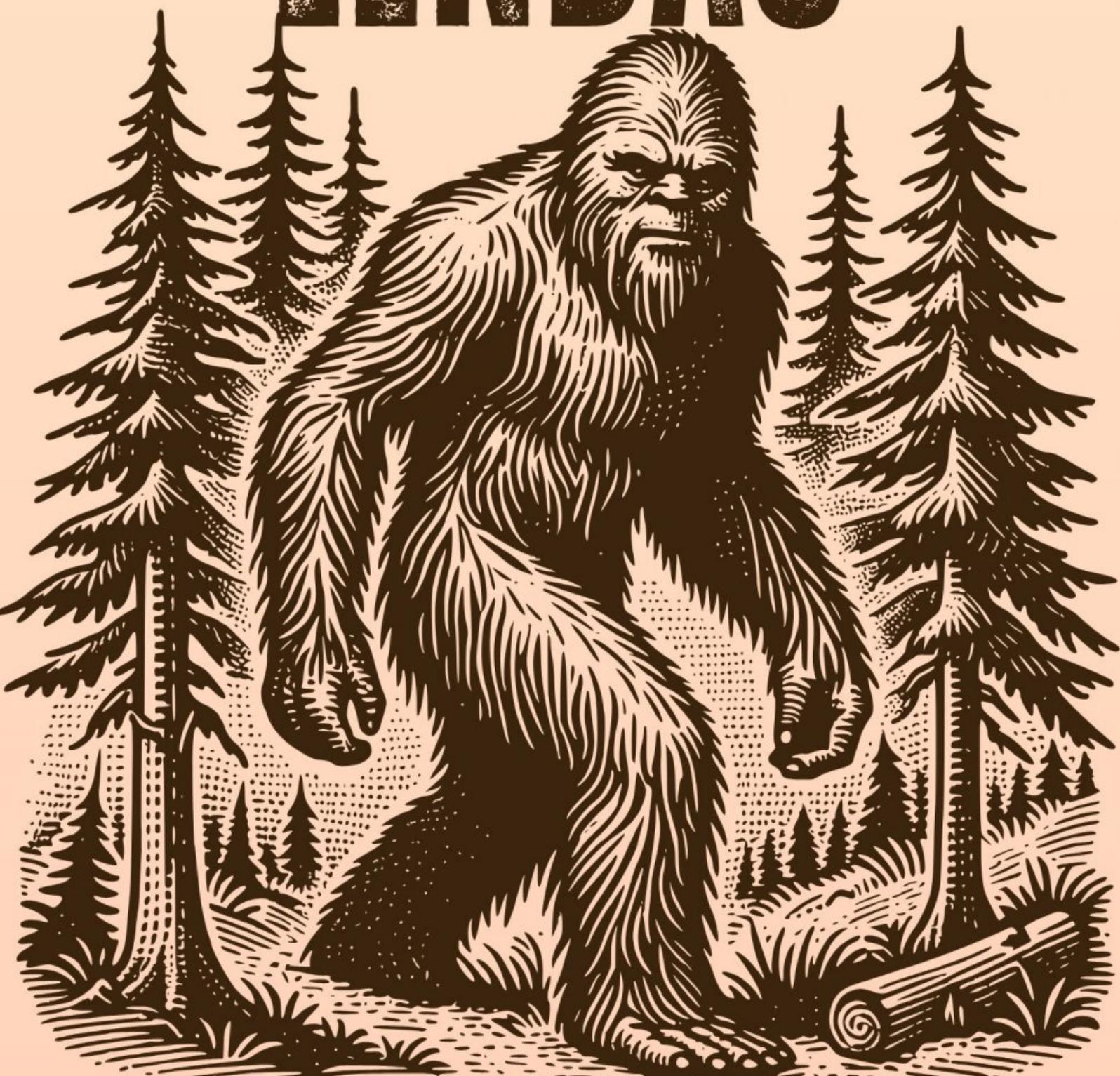




ADEMIR PASCALE - ORG.

CONTOS, POEMAS E LENDAS



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-29519-0

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O CAPÍTULO DESEJADO

CUIDADO COM ELE, O CABEÇA DE CUIA, POR ALEXANDRE C. DE J. NOLÊTO, PÁG. 05
A CRIATURA NA NÉVOA, POR ADRIANA COSTA REIS, PÁG. 11
O MAGO DA PEDRA OCA, POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES, PÁG. 14
SIM, AMANHÃ SERÁ UM NOVO DIA, POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES, PÁG. 20
O ESPANTALHO SABIA, POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES, PÁG. 25
A CRIATURA, POR JOÃO LUCAS VALLE ROCHA, PÁG. 29
O GUARDIÃO DA ZONA FANTASMA, POR LUCAS FANTIN PINHEIRO, PÁG. 35
A CINDERELA DA BELA VISTA, POR MARIA CRISTINA BESSA LIMA, PÁG. 40
CACHIMBO DE BARRO, POR NEY ALENCAR, PÁG. 44
MULA SEM CABEÇA DA MINHA INFÂNCIA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 49
ENVOLVIDA EM MISTÉRIOS, POR SELMA LUANNY, PÁG. 51
CAIPORA E CURUPIRA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 53
LENDAS DO PINDORAMA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 56
SOB O BRILHO DA LUA CHEIA, POR V.V.PARISE, PÁG. 58
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 64



ADEMIR PASCALE - ORG.

CONTOS, POEMAS E LENDAS





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Cuidado com ele; o Cabeça de Cuia

Por Alexandre C. de J. Nolêto

Alexandre C. de J. Nolêto nasceu em Teresina (PI), em 1973, filho de Antônio Nollêto e Maria Helena Nolêto. Casado com Juliana e pai de Malu e Gigi. É autor das obras HERANÇA SOMBRIA, TRIBULAÇÃO e EMCONTOS E DESENCANTOS, bem como do poema ESFRIA publicado na ANTOLOGIA INVICTUS.



Cuidado com ele.

Tudo se passou na cidade de Teresina, onde os primeiros meses do ano são carregados de chuva. Com o passar do ano, pelo mês de maio, as nuvens dão lugar ao céu azul cintilante. Crianças são mais frequentes nas ruas, empinando pipas coloridas. Logo as festas juninas ganham força com sons e brilhos de fogos de artifício e músicas animadas acompanhadas por instrumentos rústicos. Em julho a temperatura cai mais um pouco, até que chega o período mais quente, o B-R-O Bró.

A vida cotidiana tem ar de normalidade ao longo dos dias. Na maioria das noites também. Mas quando a escuridão é mais intensa, o certo é nem sair de casa. Se for imprescindível tomar as ruas, que seja na companhia da maior quantidade possível de pessoas. Depois que o sol se põe, em noites de nuvens carregadas ou desprovidas da luminosidade lunar, o risco pode estar mais próximo. As vítimas? Sempre mulheres. Não por questão física, mas em razão de uma marca.

Crispin era filho único, bastante reprimido pela mãe. Rejeição constante e não havia o que ele pudesse fazer para demover a mãe do sentimento negativo que ele sentia, apesar de seu esforço incessante para agradá-la. Ele não entendia os motivos da mãe, se é que eles (os motivos) existiam. Mesmo nas ocasiões mais relaxadas, a brandura logo era substituída por um novo rompante, denunciado por voz esganiçada. Quando Crispin menos esperava, mãos trêmulas de impaciência e rosto sisudo com lábios comprimidos traziam de volta, nele, a sensação de estômago embrulhado. Era ruim olhar para sua mãe transtornada, vestida em sua principal armadura: a de inimiga.

Com o tempo, o afastamento foi a solução eficaz. A cabeça de Crispin vivia a mil e sua casa, de refúgio, passou a ser o local onde ele não queria estar. Refeições e pernoites eram motivo de retorno obrigatório, quando a mãe aproveitava para atingi-lo com palavras ou silêncio. Sequer definia o que era mais ofensivo, mesmo já com quase 20 anos de idade. Quando o ano de 1917 trouxe as primeiras chuvas, Crispin passava a maior parte do dia em barcos ou à beira do Velho Monge. Destacava-se pela quantidade de peixes que extraía das águas barrentas do Parnaíba.

O ganho de Crispin era pouco, fato que não o incomodava. O dinheiro adquirido era para ajudar em casa, já que a mãe vivia de bordados e doces que fazia e vendia, de manhã cedo, no Mercado Central. Cada moeda ou cédula dela tinha o mesmo destino: um longo pote de barro, rechonchudo no meio e de boca estreita, mas acessível à mão fina e

de dedos longos dela. Aquela moringa tinha sido um presente, quando ainda havia alguma felicidade com o marido. Sim, houve felicidade com o marido no começo e trocar o ambiente familiar de dissensões pelo casamento foi motivo de alegrias até a vinda do filho.

Casou em idade avançada. Partos para mulheres de trinta e sete anos eram sofridos, com mais riscos que o normal. Agora ela beirava os sessenta, dentes eram menos numerosos, as poucas carnes estavam caídas e os longos cabelos brancos reluzentes, indicativos de que a velhice havia chegado.

Quando o dia raiou, naquele início de abril, ela se lembrou do marido e da última saída dele para pescar. Desde então, nunca mais o viu. O barco em que estava fora encontrado virado metros a jusante do local de pesca. O corpo nunca foi encontrado. Ela presumia que ele morreria, pois ele nunca deixaria de acompanhar o filho nem por uma rapariga interessante. Viu-se na realidade de suportar Crispin sozinha. Naquele dia, Crispin falou:

— Dia, mãe! — Depois de um tempo ao silêncio como retorno, ele continuou:

— Hoje eu consigo trazer algo diferente pra nós comer, mãe. A senhora vai gostar.

A mãe nada comentou e Crispin permaneceu inerte. Consumia beiju com uma xícara de café preto. Ele ouviu o som da porta da frente sendo aberta e depois os pés da cadeira arranhando o chão de pedras. Uma brisa fria invadiu a casa carregando cheiro de fumo em início de queima. De onde estava, percebia luminosidade intensa, contraditória ao vento frio que zanzava pela casa.

Àquela horário, o normal era o jovem Crispin já estar a caminho do rio. Serviços do mês de março e abril eram os melhores do ano para extração pesqueira e ele tinha esperança de receber um bom dinheiro.

Crispin saiu de casa pedindo bênçãos à mãe. Um resmungo de indecifráveis palavras veio em resposta. Tomou as veredas de costume e empreendeu carreira. Sempre fazia exatamente do mesmo jeito e o corpo atlético em nada se ressentia depois. A manhã seguiu branda com brisa leve, mas que trazia nuvens carregadas, deixando o céu topado, de cinza bem escuro. Um dilúvio chegava.

Por volta de 11h, Crispin deu uma escapa para levar para casa uma iguaria adquirida com dinheiro do trabalho. Havia dias desejando: linguiça caseira. Chegou em casa gritando: Olha o que tem em cima da mesa, mãe. Acho que a senhora vai gostar. Retornou às carreiras, ao ponto de pesca. Antes de a tarde entregar a noite, a escuridão já era farta. Ventos gelados começaram a fluir. As nuvens começaram a desfiar de modo

brando. Não demoraria a virar tempestade rara. Após o término da lida e o recebimento do valor restante, Crispin retornou para casa. Bateu os pés na soleira antes de entrar, já molhado pela chuva. Procurou com o nariz o cheiro da comida que tanto desejava, mas o aroma não veio. A mãe disse ao ouvi-lo:

— Teu jantar tá pronto, C R I S P I N nojento.

Crispin mirou o prato branco e viu o cotidiano nele: o pálido osso com caldo ralo.

A chuva ficava cada vez mais grossa, intensificada por trovões e raios que não cessavam.

A mãe rumou ao filho ostentando uma longa colher de pau. Empunhava-a com firmeza, balançando-a à vista do rapaz. Repetia agressões, com efeito nas veias estampadas no pescoço fino:

— Vai comer o corredor? Tu quer ser rico? Seu marginal. Tu é pobre, diabo dos infernos. Nasceu pra morrer pobre, CRISPIN do diabo. Seu infeliz.

A repetição daquelas palavras era insuportável e ele perdeu o senso. Com a mão direita, tascou o osso e arremessou-o em direção à mãe, atingindo-a em cheio na testa. A mulher girou levando, instintivamente, a mão ao rosto machucado. A colher de pau havia escapado das mãos da velha, caindo próxima a um tamborete. Incontido, o rapaz se precipitou contra a mãe e, mais uma vez, acertou-a, agora no olho esquerdo, que logo sumiu pelo inchaço. A mulher conseguiu esquivar-se de vários golpes, mas outros tantos consumiam sua integridade. A fragilidade avançava o corpo débil e vacilante. Com o braço direito, ela ainda buscou aliviar a queda. Ficou estendida, ao chão, vulnerável, trêmula; o frio circundava-a. Um corpo quase inerte a caminho da morte iminente.

— Olha, maldito, tu tá matando tua mãe! — Ainda tinha espírito para sorrir.

A chuva torrencial era testemunha do infeliz e trágico momento familiar. A velha olhou na direção da colher de pau que jazia próxima ao tamborete. Uma goteira fazia pingos de chuva acertarem o rosto dela, mas a água não dissipava o sangue que escorria aos jorros dos vários cortes ao longo da face. O vestido já não lhe cobria as pernas, estando a barra à altura da cintura, deixando de fora a peça íntima surrada e de elasticidade perdida. Os pés estavam descalços, os chinelos lançados sem direção no instante do confronto.

Crispin voltou a si. No chão, tudo que viu foi um ser pequeno e indefeso. Hesitou, mas, então, lançou-se ao chão, postando-se por sobre a mãe, cada perna ladeando uma das finas coxas dela. A respiração era ofegante, expulsando cheiro de fumo das entranhas

dos pulmões. O braço direito fazia trajetória de arco vitruviano, a mão em busca de algo. A colher de pau estava próxima.

— Perdoe, minha mãe. Eu nunca quis magoar a senhora. Eu vou cuidar da senhora.

Em voz lenta e baixa, quase inaudível, ela inocular mais de suas palavras no ouvido do filho:

— Cuidar de mim, diabo. Eu quero é que tu morra. Eu te amaldiçoo, Crispin, hoje e sempre. — Agora foi ela que agiu. Não lhe restava muita energia no corpo. Nesse instante, o braço alcançou a colher de pau e descreveu uma parábola. Com poder invejável, atingiu o filho na lateral da cabeça, quase na testa. O instrumento doméstico não resistiu ao impacto e partiu-se em dois pedaços, cada um indo para lados diversos. O resultado da pancada foi impressionante. Com o impacto, Crispin caiu de lado, os olhos embaçando imediatamente. Pensou desfalecer. A cabeça zunia, o inchaço foi instantâneo. A cicatriz ficaria evidente pelo resto da vida. E a mãe continuou o falatório maldito:

— Tu vai ficar deformado. Sofrerá cada dia a dor de ter a cabeça grande, feia e em forma de cuia. Nos dias e noites mais quentes o sofrimento vai aumentar e tu só se livrará desta maldição depois de devorar sete mulheres, na verdade sete Marias virgens, sempre a sétima filha entre as existentes na mesma família. Tu será um monstro, filho ingrato. Viverá nos rios Parnaíba e Poty. Espalhará o terror. Todos terão medo e vão querer distância de ti. Nem cachorro vai te suportar. Eu nunca gostei mesmo de ti — disse a vangloriar-se.

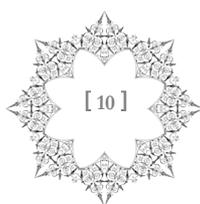
Crispin só ouvia, a tristeza invadindo-lhe. Eram palavras que nunca deixariam sua mente.

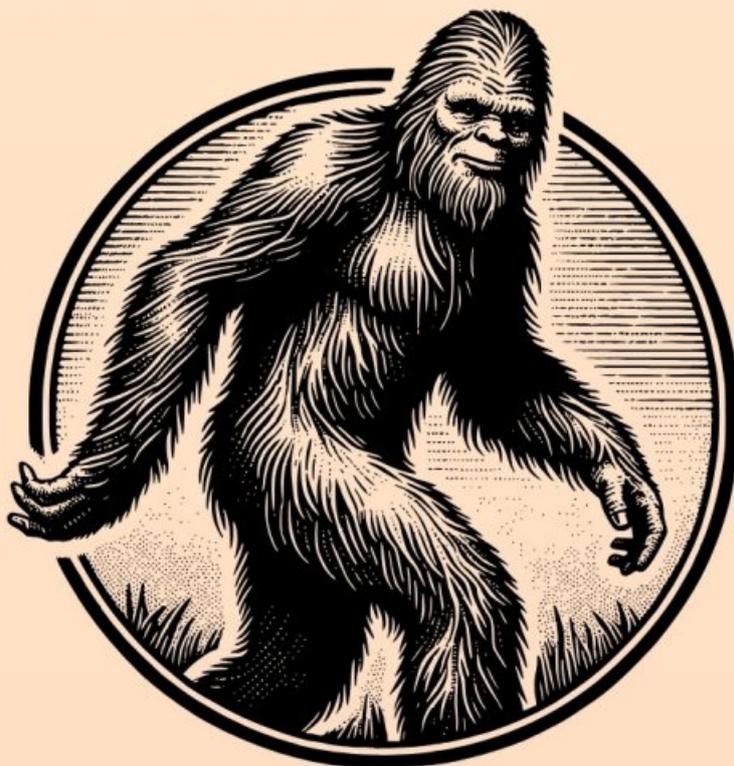
Ofegando de forma incontrolável, a mulher seguia rumo à escuridão total. Seus olhos perdiam o brilho da vida, apagados pela falta de vitalidade. O corpo inerte era de pouca temperatura; a morte chegara para ficar. Não tinha mais atitudes. Então, ela era um corpo morto, imóvel, que levava consigo a maldade em parte descarregada no próprio filho. Não há nada mais curioso que a mãe ficar contra o próprio filho. Talvez nem exista.

Crispin recobrou a consciência. A chuva afinara. De um salto, pôs-se de pé. Olhou ao redor. Ao chão, a mãe morta. Ele também queria morrer. Estava próximo ao encontro dos rios Parnaíba e Poty. Correu descalço e jogou-se ao rio. Caiu e afundou em meio ao canal turbulento do Parnaíba até bater na parte mais funda do rio. Lembrou-se da maldição imposta pela mãe. Águas aos pulmões, ficou inconsciente por um tempo. Quando acordou,

estava à beira do rio, com pouca roupa, se é que se pode chamar uma cueca velha, de roupa. Depois, Crispin passou um tempo fugindo mesmo sem ninguém para persegui-lo.

Ele passou a viver a peleja de salvar-se da maldição. Implorava a Deus para não ser o recipiente de maldade. Via-se como quem não merecia isso. Mas, ao longo dos dias, simplesmente buscava livrar-se da maldição. Buscava mulheres que preenchessem o que a mãe praguejara. Fez muitas vítimas, vária mulheres de nome Maria, sem desperdiçar nenhuma delas. Ele entedia que não poderia se dar ao luxo de compreender as vítimas, ao não ser que esquecesse seus próprios prejuízos. As vítimas eram metas a alcançar; necessidade. Crispin precisa devorar sete mulheres de nome Maria, a sétima filha de uma mesma família, que deve ser, obrigatoriamente, virgem. Isso começou na década de 1920, na capital do Piauí, mas ainda hoje as pessoas correm com medo. Crispin persegue pessoas, pode estar à espreita no local mais escondido, mata mulheres. Até os dias de hoje, estamos na década de 2020, cem anos depois de quando tudo começou, pessoas são aterrorizadas nas ruas escuras de Teresina. Tudo o que foi dito aqui é sobre o Cabeça de Cuia. Alguns entendem que seja lenda, outros dizem ser a mais pura verdade. Enquanto isso, a ilusão de normalidade ludibria a maioria e a única coia que se pode dizer como defesa é: cuidado com ele; o Cabeça de Cuia.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A Criatura na Névoa

Por Adriana Costa Reis

Adriana Costa Ferreira Reis é Psicóloga, Psicanalista, Teóloga e com enorme gosto pela literatura. É autora de poemas e contos publicados em diversas antologias. Ela também se dedica à organização de Coletâneas Literárias, oferecendo oportunidades de publicação a novos escritores. Através desse trabalho, promove a literatura como uma valiosa forma de expressão artística e cultural, incentivando o surgimento de novas vozes no cenário literário.



Há muitos anos, em uma aldeia esquecida entre colinas e florestas densas, vivia um velho lenhador que passava os dias isolado em sua cabana de madeira. A solidão era sua única companheira desde a morte trágica de sua esposa, cujo corpo fora encontrado na floresta, mutilado, como se tivesse sido atacado por uma fera selvagem. Naquele mesmo período, jovens moças e rapazes da aldeia começaram a desaparecer sem deixar rastros, mergulhando o lugar em mistério e temor.

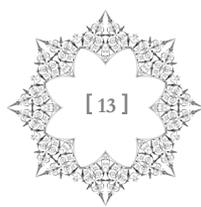
Muito antes desses eventos sombrios, o velho já era atormentado por sonhos perturbadores em noites de lua cheia. Em seus sonhos, ele corria pela floresta e o som de seus passos se misturava ao farfalhar das folhas secas sob seus pés. Seu corpo parecia absurdamente pesado, e suas pernas moviam-se com uma urgência inexplicável, como se algo o perseguisse. A névoa, espessa como um manto, obscurecia tudo ao redor, mergulhando-o em uma realidade distante, distorcida e opressora.

Sempre ao final dos sonhos, ele via surgindo das sombras uma figura monstruosa. Parecia um lobo, mas movia-se ereto, com ombros largos e músculos tensos sob uma pelagem negra e espessa. Seus movimentos eram inquietantes, quase humanos, mas carregavam a brutalidade primitiva de uma besta. Seus olhos eram vermelhos como brasas vivas, e suas presas afiadas reluziam ameaçadoras à luz da lua.

O velho acordava suando e com o coração disparado, às vezes, com o eco de gritos ressoando em sua mente. Outras vezes, paralisado pelo terror, incapaz de se mover, como se o pesadelo o mantivesse atado mesmo estando desperto. E o silêncio da noite parecia sufocante, interrompido apenas pelo som de sua respiração tão pesada quanto a da criatura que o assombrava.

Mas, no sonho, em certa noite, a tensão era quase insuportável. O velho corria, mas os passos da criatura estavam cada vez mais próximos. O som de garras rasgando a terra o alcançava, e o rosnado profundo reverberava pelo ar, mais ameaçador a cada instante. Ele sabia que não havia escapatória e quando a besta emergiu por completo da névoa, avançou, e, no momento exato em que o impacto era iminente, o velho acordou de repente, mas não na segurança de sua cama. Ele estava de joelhos no chão umedecido da floresta, envolto por ossos e membros humanos, grotescamente espalhados ao seu redor. O velho em choque, percebeu, ainda com o gosto de sangue fresco na boca, que a criatura que o perseguia era ele mesmo.

Moral da história: Os monstros que mais tememos frequentemente habitam dentro de nós, escondidos nas sombras de nossa própria consciência. Reconhecê-los pode ser o maior desafio – mas ignorá-los pode nos transformar no que mais tememos.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Mago da Pedra Oca

Por João Francisco de Paula Gomes

Engenheiro civil, tem como um dos hobbies, a escrita. Gosta de observar e aprender com a natureza.



Contavam-se muitas histórias daquele lugar. Uma delas dizia que naqueles confins de Minas, há muitos anos, um mago ali teria se escondido.

Os tempos passaram. Agora, jovens entusiasmados desciam pela estrada de terra que iria dar na sede do sítio de Zé Romão. De longe já dava para avistar a fumaça saindo pela chaminé da casa situada bem mais abaixo.

Mas, lá em cima, um pequeno fio de água, ano após ano, se inserindo entre falhas de pedras, havia escavado um furo, de fora a fora, em uma rocha calcária em seu caminho. Outras fontes d'água ali se agruparam, descendo juntas pelo túnel criado, formando um ribeirão nas terras do sítio. E foi devido àquela rocha, com sua perfuração diferenciada, o nome peculiar dado à cidade: **Pedra Oca**. Na sede da propriedade, cercada e com porteiras, havia um pequeno curral; diversas vacas ali por perto se fartavam de capim suculento.

Nhá Zica se apressava no fogão de lenha, preparando aquele arroz especial, feijão gordo com pedaços de toucinho defumado, temperados com alho, cebola e cebolinha picada. O angu de fubá de milho, estava fumegando. Em outra panela, o franguinho caipira com aquela cor dourada, de molho encorpado, quase chegando. O quiabo, colhido na horta, estava pronto. Os garotos foram se achegando; diversos netos do casal de sitiantes, e mais outros amigos também. De quando em quando eles iam até ao sítio se empanturrar das guloseimas, andar a cavalo, pescar lambaris no córrego.

Diversas maravilhas culinárias surpreendiam quaisquer paladares, dentre geleias e doces em potes de vidros, tornando difícil decidir qual provar. Delícias de figo, goiaba, doce de leite, dentre tantos. O queijo Minas, ali esperando para fazer parte daquelas iguarias. Em latas, biscoitos de polvilho, pães de queijo e outras quitandas, sempre ao alcance dos vorazes jovens.

Vô Romão e Sinhá Zica adoravam essas visitas. A casa se enchia, os jovens se ajeitavam como podiam e passavam ali um, dois e até três dias. Era uma festa arriar os cavalos, ajudar tirar o leite das vacas, tomar daquele leite tirado na hora com chocolate e açúcar. Colher goiabas, jabuticabas e mexericas no pé, era como congelar numa fatia de tempo, um paraíso só de coisas boas. Se haviam lembranças ruins do dia a dia, lá elas não existiam mais.

Assim o dia ia passando; mais tarde, estavam eles ali sentados na simples, mas espaçosa cozinha, com as brasas do fogo ainda crepitando na fomalha do fogão, aquecendo aquele anoitecer. E uma garoa fina, vinda lá do alto da pedra oca, trouxe um ar gélido que o vento cismou em soprar para dentro da casa. Sinhá Zica resolveu servir um leite morno em tigelas, com farinha de milho, açúcar e canela a gosto. Enquanto isso, aguardavam pelas histórias de Romão e, elas, quando começavam, iam noite adentro, com seu modo manhoso de contar. A rapaziada esperava ansiosa o desfecho, mas este não vinha assim, tão de repente. Era uma parte do conto, umas colheradas do leite com farinha e canela; depois outra parte da história, um suspense daqui e dali, e o enredo não terminava, até que os garotos tinham sono.

Mas um desses contos, era o preferido deles: o do **Mago da Pedra Oca**. Aí os olhares se voltavam como lanternas acesas para o velho sitiante. Ele pigarreava aqui e ali e então começava:

— Lá na cidade, diziam que ele era um mágico...

— Fale mais vô Romão. Como ele era? — Perguntou Paulinho, um dos netos.

— Diziam que era magro, alto, com uma barbicha rala. Seu andar era leve... Parecia flutuar, ao invés de andar. Trazia no semblante um olhar sereno, desses que desarmam sentimentos de medo, ira, desesperança.

— Mas como era isso, vô? — Perguntou Janaína, uma das netas.

— Não se sabe. Mas diziam que um grande manancial de energia exalava de seu interior; seus olhos penetravam como cristais puros as mentes das pessoas, levando ondas de harmonia que envolviam aqueles por perto.

— Mas onde ele morava, vovô? — Perguntou outro neto.

— Não sei dizer ao certo. Alguns diziam que não era desse planeta, que teria vindo de outros mundos. Ninguém sabia de onde, mas ele sempre aparecia na cidade. Diziam que morava *aqui por perto, naquela época*, numa gruta que deveria existir debaixo da pedra oca. Mas ninguém nunca esteve lá.

Os meninos arregalaram os olhos. A inquietação, o sonho de uma aventura, a vontade de descobrir, assanhava o imaginário de todos eles.

— Mas você o conheceu, vovô? Era mesmo mágico? — Perguntaram.

— Não, mas muitos o conheceram. Foram eles que me contaram sobre este ser diferenciado. Se era mágico, realmente não sei. Diziam que era!!

— Desta vez podemos tentar descobrir a tal gruta? — Interveio outro.

— Amanhã, de manhã, vou levá-los até lá. Nunca descii abaixo daquela pedra, mas tem uma trilha ao lado, hoje encoberta de mato, que parece levar até ela. Mas o trajeto é longo. Pode ser perigoso. Vou chamar seu Bentinho e o Zequinha para nos acompanhar.

— Combinado! Vó Zica, convide também Da. Filó das Cartas — disse Paulinho.

— Da. Filó? Dizem que ela é vidente. Bem pensado! Pode ajudar a localizar a gruta. Mas agora vamos dormir, que já está tarde. Finalizou Zé Romão.

No outro dia cedo, com alguns embornais cheios de mantimentos, água e café, partiram para a jornada. Para a rapaziada aquela seria uma de suas mais intrigantes e emocionantes aventuras. O tempo estava bom, o sol ameno, o vento soprava uma mistura de ar com cheiro de terra molhada pela garoa da noite.

Começaram a descer pela trilha. Seu Bentinho e Zequinha iam na frente, acompanhando vô Romão. Com um facão e uma foice iam cortando galhos, abrindo caminho. A rapaziada ia logo atrás, juntos com Nhá Zica e dona Filó das Cartas. Pararam numa área descampada para tomar um café e traçar os rumos a seguir. Havia uma bifurcação na trilha. Alguns achavam que era para direita, outros que para esquerda. Dona Filó disse ver claramente o caminho a seguir: *o da direita!!* Assim foram.

A trilha contornava a pedra oca, descia, estabilizava num relevo mais plano, voltava a se inclinar novamente. Finalmente chegaram a uma nascente de água com leito de areia branca; a água cristalina, em seu curso, apontava para uma entrada recoberta de vegetação e desaparecia. Os sitiantes trataram de limpar aquela vegetação. Destampou-se então, à frente de todos, a entrada da gruta. Em princípio parecia pequena, mas à medida que iam caminhando, ficaram perplexos. Maravilhado, alguém disse:

— Vejam só o tamanho dessa caverna! É enorme! Diversas estalactites e estalagmites. A água vinda lá de cima, pinga dia após dia, trazendo gotas de calcário criando essas formações maravilhosas.

Mais à frente, a caverna se abriu como um palco grande e arredondado. Ninguém se aventurava a dizer mais nada. Todos entenderam, ao mesmo tempo, *que ali havia sido a morada do Mago*. Se organizaram num grande círculo, os olhos observando em volta, ora para o alto, ora para a água sob seus pés. De cima, uma abertura trouxe consigo os raios do sol para dentro da caverna. Neste momento, cristais incrustados em suas paredes refletiram iluminando todo o local, dando a sensação de que todos estivessem fora da gruta. Uma benção desceu sobre eles trazendo um sentimento de gratidão indescritível.

Repentinamente, um fecho de luz moveu-se para o fundo, iluminando uma formação rochosa mais elevada, de topo plano, como uma mesa. Alguém disse entusiasmado:

— Vejam, tem um livro grande sobre ela!!! Parece um diário! Será o diário do Mago? Vamos abri-lo! Será que ainda está preservado, legível?

— Está dividido em capítulos. O primeiro dedicado à paz: *“Desarmai os vossos corações, preenchendo vossas almas com o amor à humanidade. Somos todos irmãos”*. — Leu dona Filó, encantada com a descoberta.

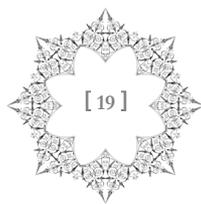
— Vejam esta, sobre o meio ambiente: *“Não temos um plano B. Este é o nosso planeta, nosso lar neste universo. Não há outra opção a não ser preservá-lo para garantir a nossa sobrevivência enquanto espécie”*. Leu comovido, seu Zé Romão.

— Nossa, são inúmeras mensagens. Foram escritas para ajudar a iluminar a humanidade em sua trajetória na Terra. Parecem reforçar e atualizar os ensinamentos dos grandes mestres. É uma joia rica em detalhes. Temos que fazê-la chegar às pessoas — disse seu Bentinho.

Uma revoada de pássaros de várias espécies adentrou pela gruta, cantando e se esbaldando nas fontes puras de água do local. Então, todos elevaram os olhos para cima agradecendo a Deus.

O livro foi levado para a cidade. Por todos os lados as mensagens foram divulgadas. Para muitos, *elas sequer tocariam suas mentes, quanto mais seus corações*. Entretanto, aquele grupo, iria levar consigo sempre a sensação de terem estado juntos no local onde *viveu uma lenda*, da qual sempre ouviram falar e, ainda, sentiram na alma a energia daqueles ensinamentos.

Às vezes, um acontecimento marca para sempre a vida das pessoas. Aquele tinha sido um deles. *Aprender faz parte de nossa trajetória enquanto “seres humanos”*. Sempre foi assim. Quem sabe isso, hoje, seja mais urgente que antes?





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Sim, amanhã será um novo dia

Por João Francisco de Paula Gomes

Engenheiro civil, tem como um dos hobbies, a escrita. Gosta de observar e aprender com a natureza.



Um cheiro de café coado na hora invadiu a sala. Juvenal, sentado de uma forma pachorrenta sobre o sofá, cochilava. O odor aromático da bebida despertou-lhe. Rapidamente dirigiu-se à cozinha da pequena sede de seu sítio. Sobre a mesa, sobravam pamonhas, pães de queijo e frutas. Degustou do leite gordo tirado no curral e provou um pouco de tudo. O café foi sorvido a tragos longos e pausados, acompanhado dos pães de queijo assados por dona Candinha, a caseira do sítio. Juvenal olhou pelas janelas e observou vários pássaros chilreando nas copas das árvores. Galinhas, patos, dentre outras aves, em movimentos irrequietos, enchiam o quintal da propriedade. Ao longo, suas vacas pastavam de forma indolente. Tudo parecia normal, como sempre fora. Então, resolveu tirar alguns papéis do bolso. Havia dentre eles um envelope em especial que ele receava abrir. No fundo sabia do que se tratava, mas adiava saber o seu conteúdo. Assim mesmo, abriu-o. Era o que já esperava e temia. Sua propriedade rural iria a leilão dali a algumas semanas para pagamento de dívidas acumuladas no decorrer dos últimos anos. Estava sendo informado disso. Coçou a barba rala, olhou de soslaio para dona Candinha e dos cantos dos olhos, algumas poucas lágrimas rolaram. Mas, ainda assim, esgueirou-se, aprumando-se num só movimento. Era um homem forte, já passara por outras vicissitudes da vida; não era agora que iria desmoronar. Ainda tinha a casa na cidade e um ou outro cômodo de aluguel. Os valores recebidos mensalmente não eram grandes, mas ajudavam muito. Poderia abrir uma pequena mercearia. Dava pra viver. Decidido, prometeu para si mesmo que aqueles não seriam seus últimos dias ali. Após isso, deitou-se numa rede na varanda da casa. Num relance, anos de sua vida desfilaram como um filme sob suas vistas. Ainda, pensou em cobrar alguns amigos e parentes que lhe deviam algum dinheiro. Logo, desistiu da ideia. Certamente todos eles também tinham seus problemas. No seu íntimo, não queria fazer isso. Procurar outro banco era se enrolar cada vez mais. Então, pediu a Deus para lhe mostrar alguma outra solução. Voltou a olhar para fora da casa. A chuva que havia caído naquela tarde, encharcou a jardineira onde Da. Candinha havia plantado diversos pés de onze horas. A água havia empapado as folhas das plantas e, mesmo após cessada a chuva, algumas gotas de água se acumularam nas pontas dessas folhas, parecendo formar pequenos alvéolos transparentes. Os raios de sol que vieram depois iluminaram aquelas pequenas gotas, como se cristais brilhantes fossem. Lentamente caíam, uma a uma. Juvenal, disse para si mesmo: *Parecem raios de esperança, como se meus pais, lá do outro lado, estivessem a me dizer: “Não desanima não, meu filho! Amanhã será um outro dia!”* Dizendo isso, fechou os olhos e acabou

cochilando na rede. Anoitecia. Da. Candinha avisou que o escaldado estava pronto. Feito de fubá, enriquecido com pedaços de bacon e alguns ovos de galinha caipira incorporados ao caldo, dava uma aparência de uma comida bem substanciosa. Sobre o caldo cremoso de cor meio amadeirada pela cebola, antes queimada com alho e óleo na panela, a cuidadosa senhora havia espalhado uma porção de cebolinha verde picada por cima. Juvenal convidou a caseira e o filho dela para jantarem com ele. Gostava de compartilhar aqueles momentos com eles. Com uma concha, despejou num prato fundo uma boa porção do escaldado, polvilhou por cima queijo ralado e, entre uma colherada e outra do caldo, saboreadas com pedaços de torradas crocantes, ele sorvia também um trago de cachaça especial produzida na propriedade. Nesse ritual, também contou alguns ‘causos’, gesticulando muito:

— Tomé, você se lembra daquela vez que um temporal arrancou um pedaço da cerca e escapuliram aquelas duas vacas e seus dois bezerros?

— Pois é, seu Juvenal, fomos achar os fujões lá pras bandas da fazenda do seu Marcolino. Estava caindo o maior temporal. Ainda bem que conseguimos resgatá-los.

A zelosa caseira era viúva. Já trabalhava naquele sítio há alguns anos. Ela gostava de ouvir as histórias de Juvenal, dos bons tempos de lá, do gado, ainda que não era um grande rebanho, mas dava para tirar leite, fazer queijo. Tinha ainda um pequeno engenho onde se destilava aquela boa cachaça. Também havia porcos, uma boa horta, muitas galinhas, árvores frutíferas; enfim, muita fartura. Além do pasto, uma plantação de soja e milho, compunham a propriedade. Vieram as épocas difíceis: dois anos seguidos de uma seca forte arrasaram suas lavouras; um incêndio no canal inviabilizou a produção do engenho e da ração para o gado e os porcos; por fim, o pasto raleou muito, obrigando-o a se desfazer de grande parte do melhor de seu plantel. Os valores contraídos junto aos bancos viraram um pesadelo. Os empréstimos antes feitos a alguns parentes em dificuldades, agora fizeram falta e suas dívidas se amontoaram. Ela rezava por ele. Também nutria muita simpatia pessoal por ele. Então, após a boa conversa, o gordo caldo de fubá e a danada da caninha fizeram efeito. Ele resolveu ir para seu quarto. Finalmente, adormeceu! No outro dia, animado, partiu para a cidade, distante poucos quilômetros de sua propriedade. De alguma forma, custasse o que custasse, iria conseguir quitar as dívidas. Dona Candinha sabia que ele iria conseguir. Um pouco confuso ainda, saiu a caminhar pela cidade. Em sua mente mil pensamentos se alternavam, procurando uma

solução. Certamente o bem leiloado pagaria o valor devido e sobraria ainda um bom dinheiro. Mas não queria perder a propriedade rural. Mais uma vez, lembrou-se dos conselhos de seus pais: *“Não entendemos os desígnios de Deus. Muitas portas, ao longo da vida, podem se fechar. Mas, muitas outras se abrem. Colhemos sempre, de alguma forma, a semente do bem que um dia plantamos”*. Então, sentado em um banco da praça, passou a observar as pessoas que por ali passeavam. De repente, como surgido do nada, apareceu um garoto aflito, perguntando:

— Moço, o senhor viu meu cãozinho?

— Não vi nenhum cachorro nesta praça, menino! O que aconteceu?

— É o “Ferpudim”, ele se soltou da coleira e fugiu. Me ajuda a procurá-lo, tio?!

— Cadê seus pais, garoto? Onde estão?! Como é que você se chama?

— Meu nome é Hans. Meus pais estão lá do outro lado da praça atrás do ‘Ferpudim’.

— Hans, não deve ser “Ferpudim”! Por certo é Felpudinho, não? Bom, mas deixa pra lá. Vamos procurá-lo! Estás vendo aquele canteiro de plantas lá quase no final da praça? Pode ser que esteja por lá.

— Obrigado, tio. Lá ainda não procuramos. Vamos, então!

Realmente o pequeno cão estava lá, deitado numa parte gramada do canteiro.

— “Ferpudim”, por que você fugiu de nós? Eu chorei muito, meu amiguinho! Ainda, continuou: Obrigado, moço! Você deve ser muito bom! Deus o iluminou e nos levou até onde estava o meu cão! Vou correndo levá-lo ao papai e mamãe que devem estar desorientados... Novamente, muito obrigado, tio!

— Vai com calma, garoto, senão ele foge de novo.

Dizendo isso, Juvenal voltou a sentar-se no banco onde estava antes. Ainda perdido em seus problemas, após alguns segundos, olhou na direção que o menino havia tomado, mas não o viu mais. Intrigado, disse para consigo mesmo: Estranho, não vejo o garoto, o cachorro, nem seus pais. Bom, deixa pra lá. Certamente estavam de carro e já foram embora. Mas, ainda assim, encucado, levantou-se e foi atrás do zelador da praça.

— Marques, você viu um garotinho por aí, com um cãozinho pequeno, bem peludo?

— Ah, você fala de um 'shih tzu' mesclado e um garoto de nome Hans?

— Isso mesmo! Você os viu?

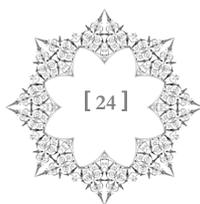
— Sabe, Juvenal... Esta história desse menino e seu cãozinho felpudo já ouvi diversas vezes nessa praça. Aparecem para as pessoas, depois somem como num passe de mágica. Ninguém sabe onde moram, quem são seus pais.

— Ué, que estranho, Marques! Mas eles estavam por aqui! Você não os viu?

— Não os vi. Pode ser porque estava atarefado cuidando da praça. Juvenal, ainda tem mais: dizem que sempre acontecem coisas boas para as pessoas que os conhecem, depois que eles somem. Bom, mas isso é invenção desse povo. Preciso recolher o lixo que jogam no chão. Até mais, Juvenal.

— Até logo, Marques. Bom trabalho para você. Obrigado!

Juvenal voltou ao banco da praça. Nesse espaço de tempo, ainda distraído com seus problemas, uma pessoa sentou-se ao seu lado. Quando olhou, era um amigo que havia se mudado da cidade há alguns anos. Exatamente para aquele amigo ele havia emprestado uma boa quantia em dinheiro. Como é estranha e surpreendente a vida: Dagoberto havia voltado à cidade justamente para lhe pagar o empréstimo. Juvenal, de bom grado, aceitou a oferta. Ainda assim, após fazer as contas mentalmente, o valor recebido não daria para quitar toda a dívida e impedir seu imóvel de ir a leilão. Mas, de alguma forma, parece que aquela história contada pelo zelador da praça iria se concretizar: o próprio Dagoberto já sabia da situação do amigo e, da mesma forma que antes havia sido socorrido por ele, propôs-lhe emprestar a diferença que faltava. Ele poderia lhe pagar na medida do possível. O sitiante sabia que teria que se esforçar muito ainda para quitar este valor emprestado. Mas, agora, também as chuvas haviam voltado. O pasto já estava mais revigorado. Agradeceu ao amigo, também a Deus e a seus pais que lhe ensinaram a nunca perder a esperança. De qualquer forma, o sítio estava salvo. Lembrou-se novamente do zelador Marques e disse para consigo mesmo: *Aquele garoto e seu cãozinho, o "Ferpudim"?!!! Quem diria?!! Às vezes, os anjos estão à nossa volta e, por alguma razão, não os vemos.* Então, agradecido, concluiu: *"Sim, amanhã será um novo dia!". Na realidade, para Juvenal, "aquele momento", já era um novo dia!*





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O espantalho sabia

Por João Francisco de Paula Gomes

Engenheiro civil, tem como um dos hobbies, a escrita. Gosta de observar e aprender com a natureza.



Os pombos desciam repetidamente sobre a horta de Juvêncio. Pareciam apreciar mais as folhas dos pés de alface, principalmente aquelas que daqui pareciam mais tenras. De tempos em tempos ouvia-se o estampido de um foguete, daqueles que quando explodem dão três tiros. Os pombos apavorados com o som dos explosivos, voavam, mas pouco tempo depois a fome superava o medo e retornavam. Sinhá Vivinha às vezes também procurava espantá-los, mas parecia algo em vão. Eles sempre voltavam em maior número. Aí então se juntavam aos pombos, rolinhas, pardais e outros.

Para minimizar os ataques das aves, a Sinhá sempre disponibilizava em um cocho, desses de madeira, quirera e sobras de comida, que além de alimentar as galinhas e marrecos do quintal, também reduziam bem as perdas na horta e milharal.

Falando nisso, lá no meio do milharal havia um espantalho, cujo recheio de palha tinha sido recoberto por um terno já bastante gasto de Juvêncio. Mas, os pássaros pareciam já acostumados a ele e nem davam bola.

Juvêncio sempre dizia:

— Somente os tiros dos foguetes são capazes de afugentá-los.

A Sinhá, retrucava:

— O professor Severino sempre ensinou que não devemos soltar esses fogos. Eles desorientam as aves e elas se chocam com árvores, casas e acabam morrendo. Também assustam os cães, que têm uma audição muito apurada.

— Professor Severino vive desconectado da realidade, Vivinha. Queria ver como ele ia resolver o problema aqui.

— Você mesmo vê que quando eu coloco trato no cocho, além de alimentar as galinhas, também distrai os pombos. Mas, uma coisa é verdade: é preciso sempre estar atenta.

Mas o tempo passou, o calendário já apontava para o mês de janeiro de 2000. Agora, ele se encontrava acamado, atacado de gota, quase não podendo andar. Aí então foi a vez das aves se esbaldarem.

Sinhá Vivinha assoberbada com os afazeres domésticos e ainda com a doença do marido, não podia contê-las. E as espigas do milho estavam maduras atraindo também as maritacas e periquitos.

De seu leito, Juvêncio podia vê-las subindo e descendo numa algazarra danada. Olhou para um quadro na parede, que parecia conhecer bem e onde estava escrito: *“Nunca desista, ainda vai encontrar um tesouro.”*

Vivinha, que estava próxima à porta do quarto, vendo o marido olhando para o quadro, falou:

— Seu avô Lauro era um sonhador! Tesouro?! Que nada! Temos que arregaçar as mangas e trabalhar, senão ninguém come nessa casa!

Juvêncio levantou-se, ainda trôpego, pegou um dos foguetes, mirou para cima e acendeu o fogo de artifício. O rojão saiu pela janela do quarto, bateu no beiral de uma telha e resvalou para baixo rumo ao espantalho.

O recheio de palha do objeto inanimado ardeu que foi uma beleza; depois as chamas lambeiram as folhas dos pés de milho e o fogo avançou sobre um pequeno canavial ao lado. Queimou tudo!

Sinhá Vivinha foi a primeira a chegar ao local. Juvêncio, manquejando, chegou logo depois. Grande parte da horta queimada, milho e canavial em cinzas. A parte exterior do espantalho, seu rosto e braços, ainda estavam um pouco preservados, mas a haste de madeira que o sustentava e o toco de árvore onde estava instalado, tinham ardido com as chamas e já estavam desmoronando. Juvêncio ainda jogou um pouco d'água, mas já era inútil.

— Não te disse para parar com esses fogos? Viu no que deu? Isso foi praga da Inhá Virtulina, que tem inveja de mim e sempre esteve de olho em você. Aquela assanhada! Desabafou a Sinhá

— Mas, não tem outro jeito de espantá-los. Você não viu como eles estavam devorando nossa horta e nosso milho? Disse Juvêncio

De repente, ouviu-se um chiado, como uma tampa quente de aço quando é subitamente esfriada. O casal rapidamente, com um enxadão, escarafunchou para ver o

que era. Era uma caixa metálica, bem trabalhada, em forma de um pequeno baú, com um brasão por cima da tampa.

Sinhá Vivinha limpou a tampa com um pano e disse:

— É a caixa que sua avó sempre falava ter o seu avô Lauro escondido. Mas parece que um infarto o tinha levado antes de dizer o local do esconderijo e o que continha nela. Veja o brasão de sua família!

Juvêncio e Vivinha abriram o pequeno baú e se espantaram com colares, medalhões, correntes, e diversos outros objetos de ouro.

A Sinhá, emocionada, falou:

— A caixa pertence a você Juvêncio, pois os seus demais parentes há muito acompanharam seu avô. Que Deus os tenham.

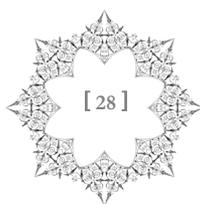
— Como é engraçada a vida, Sinhá. A horta e o milharal se foram por causa do foguete que eu usei para espantar os pássaros, mas trouxeram essa bela surpresa neste *pequeno tesouro enterrado aos pés do espantalho*. Vô Lauro, mesmo que sempre enigmático, tinha razão!

Juvêncio olhou para o espantalho que, embora um tanto quanto chamuscado, sujo pela fuligem, com o seu recheio de palha queimado, ainda parecia esboçar um sorriso maroto. Então, resmungou:

— *Você sabia desse tesouro o tempo todo e não nos disse nada, né Oriosnaldo?*

— Juvêncio, vamos para casa! O Itamar, o seu amigo relojoeiro, pode avaliar essas joias que encontramos. Devem valer uma pequena fortuna. Deixa dessa mania de tentar conversar com o Oriosnaldo, ele é um espantalho! Não é uma pessoa!

— *É, pode ser! Mas que ele sabia, isso ele sabia!*





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A criatura

Por João Lucas Valle da Rocha

João Lucas Valle da Rocha é uma pessoa comum que resolveu colocar seus pensamentos em um papel e começar a escrever.



— NÃO ACREDITO — disse o velho enquanto vislumbrava aquilo que havia criado.

— Meu filho querido, há quanto tempo eu esperava por este momento.

Com os olhos cheios de lágrimas, o velho abraçou a criatura e começou a beijá-la enquanto ela permanecia parada e imóvel ao mesmo tempo que expirava o ar de uma forma seca e pesada.

— Meu querido Albert, pensei que depois daquele dia nunca mais fosse te ver.

A criatura começou a mover-se lentamente até conseguir se colocar de pé, seus olhos eram profundos e pareciam não ter nenhum tipo de fluido para lubrificá-los, sua pele era seca e áspera, seus braços e pernas eram compridos e esguios e sua boca era simplesmente um buraco circular, do qual uma fanha e abafada saiu, com um timbre como se estivesse saindo de um rádio antigo.

— Pai, é você? Eu não consigo enxergar muito bem, nem ouvir muito bem, minha voz está... diferente.

O Pai olhou para a criatura e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Filho, meu querido Leonard, você só está diferente, mas continua sendo o mesmo, o Pai tentou fazer o melhor que pode para te trazer de volta, tive que fazer algumas adaptações, improvisar algumas coisas, mas o importante é que deu tudo certo, estamos juntos novamente.

— Pai, eu não me sinto bem, a última coisa que me lembro foi de quando eu caí, mas se eu caí, como ainda estou aqui.

— Filho, na verdade nem o Pai sabe como explicar isso, me chamaram de maluco, disseram que nunca daria certo, mas você está de volta.

A Criatura lentamente virou seu pescoço e olhou em volta, havia várias folhas de papel jogadas por todos os lados, nas quais estavam desenhados vários esquemas elétricos daquilo que parecia ser seu próprio corpo, também havia várias partes de corpos jogadas por todos os lados, mas havia algo naquela sala que assustou a criatura mais do que qualquer outra coisa.

— Pai, por que tanto sangue?

O Pai ficou cabisbaixo por um momento, abriu a boca, exitou e então disse:

— Filho, eu fiz o melhor que pude, mas sua versão original estava muito deteriorada, algumas das suas peças apodreceram, então minha única opção foi substituir algumas partes suas.

Os olhos secos da criatura se arregalaram e ela começou a passar a mão por todas as partes do seu corpo em desespero.

— Mas Pai..., nada do que está em mim parece ser meu...

Um sentimento de desespero tomou conta da criatura e ela começou a debater-se freneticamente como se tentasse escapar daquela prisão, que era seu próprio corpo.

— Calma meu filho, você é perfeito, não há nada de errado com você.

Aproximando-se da criatura, o velho tentou acalmá-la, mas ela, com um de seus braços compridos e esguios, chicoteou-o com um golpe que jogou-o longe de modo que suas costas se chocaram contra uma das paredes da casa.

— O QUE VOCÊ FEZ COMIGO SEU VELHO IDIOTA, EU VOU MOER SEUS OSSOS — disse a criatura com um tom de voz regado à raiva e ressentimento.

O Pai ficou paralisado por um momento e então começou a correr perguntando-se o que havia feito para tudo aquilo estar acontecendo, as vozes em sua cabeça se perguntavam por que seu filho querido estava agindo daquela forma.

Enquanto corria pelos cômodos da casa buscando um lugar para se esconder, o Pai ouvia as passadas largas da Criatura movimentando-se pela casa.

— ONDE VOCÊ ESTÁ SEU VELHO BURRO E IGNORANTE, EU VOU ENGOLIR CADA PEDACINHO SEU ATÉ QUE NÃO SOBRA MAIS NADA.

O Pai continuou correndo até abrigar-se dentro de um pequeno armário no qual as vassouras e utensílios de limpeza da casa eram guardados, foi quando os sons da Criatura cessaram completamente de uma hora para outra, restando apenas um silêncio que naquele momento, para aquele homem escondido no armário, era quase ensurdecedor.

Acalmando sua respiração, o Pai começou a tirar alguns papéis do bolso nos quais estavam escritas e desenhadas várias anotações sobre a forma como ele havia montado e esquematizado a criatura.

— Eu não fiz nada de errado — disse o velho sussurrando.

— Eu não errei um fio sequer — disse o velho ainda sussurrando.

— Tudo está no seu devido lugar — disse o velho um pouco mais alto.

— Cada órgão está desempenhando sua respectiva função — disse o velho enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— MEU PROJETO É PERFEITO — Gritou o Velho.

Após o grito do homem desesperado, o silêncio reinou na casa novamente até que a porta do armário se abriu e o homem viu a Criatura.

— Albert..., meu querido Albert...

A Criatura ficou em silêncio total por alguns segundos e disse levantando sua cabeça e revelando seus olhos secos, frios e sem vida.

— Oi Papai...

A Criatura avançou para cima do Pai jogando-o de um lado para o outro dentro daquele armário apertado, os braços daquele ser balançavam o corpo do homem como se ele não pesasse quase nada.

— SOCORRO, POR FAVOR, PARE, ME DESCULPE.

Lançando-o para fora do armário sobre uma mesa de vidro, que ficava no meio de um dos cômodos da casa a Criatura disse:

— Eu vou devorar cada pedacinho seu.

Nesse momento, surgiram gritos ao longe, como se uma multidão estivesse se aproximando da casa.

— ONDE ELA ESTÁ SEU MANÍACO DOENTE, ME DIGA ONDE A MINHA MENININHA ESTÁ — gritou uma voz cheia de dor e agonia do lado de fora da casa.

Após o grito do homem, ficou nítido que havia ao menos trinta ou quarenta pessoas cercado a casa naquele momento, o que fez com que a Criatura ficasse intrigada com a situação.

— Albert, não faça isso com o papai, eu só quero o seu bem.

— O que essas pessoas querem?

O velho desestabilizou-se por um momento, respirou fundo e disse com uma voz trêmula:

— Sabe..., não havia restado muito de você, estavam faltando algumas peças, então eu precisei de algumas partes extras para te completar.

Neste exato momento, a Criatura ouviu a voz chorosa de uma mulher vinda do lado de fora da casa.

— DEVOLVA MINHA MENININHA, POR FAVOR, EU TE DOU QUALQUER COISA.

A criatura então entendeu o que havia acontecido e em seguida, agarrou o velho com seus braços esguios batendo-o violentamente contra o chão até que que grande parte de seus ossos se quebrarem e ele caísse imóvel no chão.

— Por favor Albert... — disse o Pai prestes a desfalecer.

— Eu ainda não acabei... — disse a Criatura

Abrindo sua boca, aquele ser perturbador começou a chupar o velho lentamente para dentro de seu estômago, que abriu-se transformando-se em uma espécie de buraco profundo que lentamente engoliu o Pai.

Os olhos daquele ser terrível começaram a se revirar gerando uma espécie de luz branca que iluminou todo o cômodo e vozes, vezes masculinas, vezes femininas começaram a sair da boca da Criatura.

— Mamãe, cade você, eu te ouço — disse uma voz doce, agurda e feminina.

— EU TE ODEIO SEU VELHO LOUCO — disse outra voz fanha e agressiva.

— Albert, por quê? — disse uma voz chorosa e triste.

Por fim a criatura expirou e caiu no chão imóvel...

Seus olhos abriram-se e ela começou a respirar de forma pesada.

— O que está acontecendo?

— Onde eu estou?

A Criatura começou a se apalpar de modo frenético e correu para frente do espelho. Ao ver sua aparência o ser ajoelhou-se no chão e começou a chorar.

— Albert, o que você fez comigo?

Ainda era possível ouvir a multidão gritando do lado de fora da casa.

— Quero dizer, o que eu fiz com você meu filho querido.

A cada minuto que se passava a multidão ficava mais agressiva do lado de fora, garrafas de vidro e pedras estouraram as janelas e a gritaria se intensificava cada vez mais

— Eu não aguento mais isso...

A Criatura andou lentamente até a porta principal da casa que levava diretamente para o lado de fora e a abriu. Quando a multidão viu aquele ser horrendo, todos ficaram em silêncio e o que era um ambiente de puro caos e destruição transformou-se em um túmulo silencioso no qual não se ouvia sequer a respiração das pessoas ali presentes.

— O que é você? — disse um dos homens rompendo o silêncio

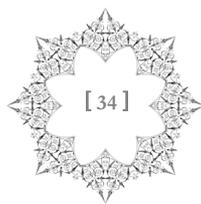
— Onde está minha filha — disse uma mulher descabelada e com a maquiagem borrada.

A Criatura continuou a andar lentamente em direção a multidão. Um dos homens puxou uma escopeta e disse:

— AFASTE-SE.

A Criatura continuou se aproximando até o momento em que o homem puxou o gatilho explodindo sua cabeça e lançando seu corpo já sem vida no chão.

Daquele dia em diante, todos seguiram em frente como se nada houvesse acontecido e com o passar dos anos todos se esqueceram do dia que a Criatura havia saído daquela casa.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Guardião da Zona Fantasma

Por Lucas Fantin Pinheiro

Lucas é graduado em Rádio, TV e Internet, roteirista pela Academia Internacional de Cinema, fotógrafo e psicanalista. Um leitor ávido, fascinado por cafés e dias tranquilos, Lucas mergulha nos universos do horror, thriller e ficção científica, explorando novas perspectivas e possibilidades em sua escrita. Inspirado tanto por sua experiência quanto por histórias que ouve no cotidiano, ele adora transformar essas vivências em narrativas que instigam e questionam o leitor.



As noites na Cidade das Máquinas nunca eram verdadeiramente escuras. Hologramas publicitários piscavam no céu, cobrindo as estrelas com promessas de progresso e controle absoluto. Drones de segurança zumbiam entre os edifícios, monitorando cada movimento com precisão mecânica. Mas, na periferia, onde a tecnologia de vigilância era mais fraca, algo escapava aos olhos das máquinas.

Téo, um analista de sonhos no Departamento de Vigilância Emocional, encarava a tela com tédio. O trabalho, que antes parecia uma forma de entender a psique humana, havia se tornado uma tarefa repetitiva e robótica. Ele revisava imagens dos sonhos dos cidadãos, identificando padrões emocionais, medos e desejos — tudo registrado e catalogado. Porém, nos últimos dias, algo incomum chamou sua atenção. Pessoas de bairros esquecidos, os que estavam à margem da cidade, sonhavam com uma figura de gorro vermelho, sempre espreitando nas sombras, como um guardião invisível.

Téo fez o que qualquer analista atento faria: anotou o padrão, salvou algumas imagens e registrou o caso como uma "anomalia de baixa prioridade". Mas, conforme os dias passavam, a figura no gorro vermelho aparecia com mais frequência, e não só nos sonhos de um ou dois indivíduos. Quase todos os cidadãos das áreas menos vigiadas, aqueles que o sistema negligenciava, pareciam compartilhar uma experiência comum. Em cada sonho, o Saci — pois Téo lembrava vagamente das histórias de sua infância — aparecia saltando em uma perna só, sempre com um sorriso malicioso e um olhar de quem sabe mais do que revela.

A curiosidade foi maior que a apatia habitual. Naquela noite, Téo se conectou diretamente aos registros antigos de lendas urbanas. Encontrou descrições de criaturas quase esquecidas, mas o Saci era a única figura que coincidia com o que ele via nos sonhos: o gorro vermelho, a presença fugidia, a aura de mistério. "É impossível", ele pensou, uma figura mítica atravessando o inconsciente de tantos.

Na madrugada, antes que os primeiros drones voltassem às suas rondas, Téo já havia acessado uma dúzia de registros, cada um confirmando o padrão. "Uma lenda viva entre nós?" Ele riu sozinho, incrédulo. Mas o sorriso sumiu quando ele se lembrou de um pequeno detalhe: os registros do Departamento indicavam que o Saci havia sido um

símbolo de resistência, um mito criado para inspirar coragem. E coragem, na Cidade das Máquinas, era um recurso que ninguém deveria possuir.

Naquela noite, enquanto as luzes artificiais da cidade piscavam no horizonte, Téo adormeceu com os olhos pesados de imagens e dúvidas. Ele caiu em um sono profundo e, pela primeira vez, o sonho não era apenas um reflexo das experiências diárias ou uma sequência de lembranças confusas. Era algo diferente, algo mais intenso.

A névoa surgiu primeiro, envolvendo tudo ao seu redor em um manto cinzento e denso. Téo olhou em volta, sem reconhecer o lugar, até que ouviu um som abafado, como se alguém estivesse rindo baixinho. Ele seguiu o som até que, entre as sombras, viu um vulto. O gorro vermelho se destacava no meio do nevoeiro. O Saci estava ali, real e inconfundível, apoiado em uma perna só, um sorriso que oscilava entre brincadeira e desafio.

“Você é real?” Téo perguntou, embora soubesse que era apenas um sonho. O Saci inclinou a cabeça, o sorriso se alargando.

“Eu sou real como o medo de quem tenta te calar,” respondeu ele, sua voz reverberando como um eco distante. “E você, Téo? Você é real ou só mais uma peça no tabuleiro dessa cidade?”

Téo tentou responder, mas a voz se prendeu na garganta. Algo na presença do Saci era ao mesmo tempo familiar e perturbador. Ele percebeu que o Saci não estava ali para lhe dar respostas, mas para incitar perguntas. A figura girou sobre o pé, desaparecendo na névoa enquanto sua risada reverberava como uma lembrança distante, uma música esquecida.

Quando Téo acordou, estava suando e com o coração acelerado. A sensação de ter sido desafiado por uma entidade mítica se entranhava em seus pensamentos. Ele sabia que não era só mais um sonho. Aquele encontro era um chamado — uma provocação que Téo não podia ignorar.

Na manhã seguinte, Téo se sentia um estranho dentro de sua própria rotina. Ele seguia os mesmos passos automáticos até o Departamento, mas algo dentro dele tinha mudado. A risada do Saci, aquele sorriso desafiador, ainda ecoavam em sua mente. Pela primeira vez, as linhas de código e gráficos de sonhos na tela pareciam pálidos e sem vida

em comparação com o que ele havia experienciado. E então, ele decidiu: investigaria, mesmo que isso significasse violar protocolos.

Usando uma sequência de acessos não autorizados, Téo explorou registros mais antigos, aqueles que o sistema não mostrava com frequência. Quanto mais ele pesquisava, mais compreendia que a figura do Saci era uma espécie de "mito de resistência" usado pela periferia para se opor à vigilância opressiva da Cidade das Máquinas. As imagens nos registros pareciam confirmar o padrão que ele já havia notado. Não era apenas um sonho recorrente. Era uma memória coletiva, uma mensagem disfarçada de lenda, que sobrevivia e ressurgia de tempos em tempos.

Então ele encontrou algo que chamou sua atenção: certos moradores periféricos deixavam pequenos amuletos em portas e janelas, representações antigas do Saci, como uma proteção simbólica contra a intrusão das máquinas. Era uma rebelião silenciosa, um lembrete de que, para eles, havia mais do que o controle absoluto.

Nos dias seguintes, Téo começou a sonhar com o Saci com frequência. Em cada sonho, o Saci o guiava por corredores escuros e velas esquecidas da cidade, mostrando-lhe imagens de um tempo em que as pessoas ainda se reuniam, quando não eram monitoradas a cada passo. E, a cada manhã, ele acordava mais inquieto, mais certo de que precisava agir.

Por fim, uma noite, ele recebeu uma mensagem criptografada em seu terminal. “Se quer ver o que é liberdade, venha à Zona Fantasma,” dizia a mensagem. A Zona Fantasma era uma área da cidade que as máquinas não conseguiam monitorar, uma terra de ninguém. Era ali que Téo teria seu último encontro com o Saci.

A Zona Fantasma era o último lugar da cidade onde a presença das corporações e da tecnologia era quase inexistente. A maioria das pessoas evitava o lugar, temendo o que chamavam de “escuridão sem rastros” — uma área onde ninguém era monitorado, onde os drones e câmeras falhavam, e as histórias diziam que apenas lendas como o Saci tinham domínio. Mas Téo, movido pelo enigma que o perseguia nos sonhos, seguiu o caminho que a mensagem lhe indicara.

Ao entrar na Zona Fantasma, ele percebeu que a cidade ali era diferente: abandonada, mas ainda cheia de vida. Grupos se reuniam em becos e vielas, trocando histórias e objetos como se fossem relíquias. Nos rostos, ele viu algo que há muito não via:

liberdade. E então, em meio à penumbra, ele avistou o gorro vermelho do Saci, saltando entre as sombras.

“Então você veio,” disse o Saci, a voz um misto de ironia e admiração. “O que achou do mundo sem as máquinas, Téo?”

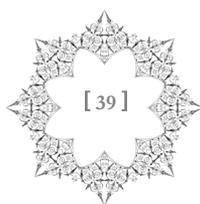
Téo hesitou. “Isso tudo... eu não entendo. Por que aparecer agora? Por que nos sonhos?”

O Saci o encarou, seus olhos brilhando com algo entre sabedoria e diversão. “Sonhos são a última fronteira. Eles não podem controlá-los, mas tentam. Eu existo para lembrá-los do que já esqueceram. No fundo, você sabe que isso aqui é mais real do que tudo o que viu.”

“E o que eu devo fazer?” A pergunta escapou dos lábios de Téo, mas ele sabia que a resposta já estava nele. As visões, os sonhos, o vazio na sua rotina — tudo apontava para aquilo.

“Escolha.” O Saci sorriu. “Fique, como eles querem, e esqueça tudo isso, ou espalhe o sonho. Deixe que as pessoas sonhem de novo com o impossível, com o que nunca poderiam ter. A escolha é sua, Téo.”

Com uma última risada, o Saci girou, desaparecendo na névoa. Téo ficou ali, o eco da escolha reverberando em sua mente, sabendo que, dali em diante, ele jamais voltaria a ser o mesmo.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A Cinderela da Bela Vista

Por Maria Cristina Bessa Lima

Professora aposentada de Literaturas de Línguas Portuguesa e Inglesa, traduz e publica contos de fadas e de mitologias pouco conhecidos de diferentes países. Imaginando que essas histórias poderiam se repetir em diferentes épocas e lugares, trouxe para os nossos dias uma Cinderela paulistana, com um "final feliz" à moda dos contos de fadas mais famosos.



Ela era pequena quando a mãe morreu, e alguns anos mais tarde seu pai casou-se novamente. A nova esposa era também viúva, de enganosa aparência angelical, com duas filhas mais ou menos da mesma idade da pequena órfã. O pai era caminhoneiro, e costumava ficar semanas fora de casa, transportando resmas de papel pelo país inteiro.

A madrasta — poucas vezes uma mulher mereceu mais o nome de madrasta, em sua muitas vezes injusta designação — fazia naturalmente uma diferença muito grande entre suas filhas e a enteada. Desde pequena, nossa heroína tinha que ajudar a lavar louça, cozinhar, fazer limpeza e lavar o quintal com a sujeira que os cinco cachorrinhos Yorkshire da madrasta faziam diariamente.

A menina tinha uma personalidade muito gentil, e não costumava se queixar; mas tão logo pôde, começou a trabalhar fora só para ficar longe do seu lar, que de doce lar não tinha nada. E o tempo foi passando.

Um dia, ficou sabendo que haveria um baile num clube nas proximidades de sua casa (esta história aconteceu há muito tempo, naquela época em que havia bailes nos clubes, com a participação das famílias da região, com vestidos compridos para as mulheres, gravatas e paletós para os homens, e muita cerveja, cuba-libre e ponche de frutas para todos). E menina queria muito ir, mas não tinha roupa adequada, não conhecia ninguém, não era sócia do clube e sua madrasta não iria levá-la (no entanto, suas irmãs já estavam em preparativos para a festa).

Ela até tentou pedir para ir junto com a família no baile, mas sua madrasta argumentou que não queria passar vergonha levando uma pessoa tão mal-ajambrada na festa. Ela apelou para o pai, mas este era um banana dominado pela esposa — pela qual nutria um temor surpreendente e inexplicável, em se tratando de um caminhoneiro troncado, desbocado e valente — e respondeu com uma frase que é muito usada por quem não quer assumir nenhuma responsabilidade: “pergunta para sua mãe”. E a resposta foi aquela que já imaginamos.

A tristeza da garota foi aumentando conforme a data do baile se aproximava. As irmãs e a mãe compraram vestidos novos numa loja bacana na Rua José Paulino, a mãe tingiu o cabelo, as irmãs fizeram alisamento nas cabeleiras revoltas e depilação no buço e arrumaram as sobrancelhas razoavelmente peludas. Na verdade, apesar da nossa heroína não ser nenhuma beldade estonteante, as outras eram de uma feiura acachapante,

aumentada pelas personalidades antipáticas, inteligências medíocres e ares de burguesas da periferia.

Vestidas, penteadas, perfumadas e maquiadas, a madrasta e suas filhas, acompanhadas pelo marido e padrasto — de terno novo, cabelo com brilhantina, bigode aparado e unhas cortadas — se dirigiram para o salão de baile, bem antes do início da festa, com o intuito de conseguir uma mesa perto da orquestra e na beirada da pista, para aumentar as chances de as filhotas serem tiradas para dançar.

Nossa heroína — vamos continuar chamando-a assim, porque desconhecemos seu verdadeiro nome, e apelidá-la de Borracheira é realmente de uma grosseria inominável — permaneceu em casa, chorando sua tristeza. Nesse momento, apareceu sua fada-madrinha — espera aí, fada-madrinha, dessas de asas e varinhas de condão? Não, sua fada-madrinha apareceu encarnada numa vizinha, que era dona do Brechó Flor do Bairro. Vendo nossa heroína tão desolada, ela resolveu abrir uma exceção e emprestar, em vez de vender, um vestido de baile de segunda-mão, mas ainda bem jeitoso, e umas sandálias douradas de plataforma em ótimo estado. Nossa heroína exultou. Vestiu-se rapidamente, se maquiou, deu uma ajeitada no cabelo e correu para a festa, que nessas alturas do acontecimento já estava a todo vapor.

Procurando ficar longe da família para não ser reconhecida, ela parou num canto meio escondido, admirando o salão todo enfeitado e os casais dançando animadamente um samba de primeira. Acabado o samba, a orquestra atacou uma música bem lenta, tipo um bolero bem sofrido. De repente, ela vê aparecer na sua frente um garboso rapaz — bem, garboso talvez seja um pouco de exagero, mas o sujeito era bem apresentável — que a convidou para dançar.

Trêmula de nervoso, ela aceitou; e os dois começaram a deslizar pelo salão de rostos colados, embalados pela música sensual. Ops, não foi bem assim, eles dançaram meio afastados, mas iniciaram uma conversa agradável, que se prolongou por outras danças e ritmos.

Quando ele já estava perguntando seu nome e seu endereço, com a clara intenção de convidá-la para um segundo encontro, ela percebeu que seu pai, madrasta e filhas já estavam se preparando para ir embora. As meninas estavam irritadas com o chá-de-cadeira histórico que haviam levado e queriam sumir dali o mais rápido possível.

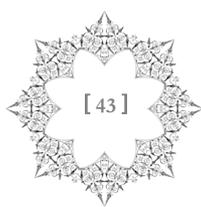
Nossa heroína se desesperou. Precisava chegar antes deles em casa, senão a coisa ia ficar feia para o seu lado. Assim, deixou seu parceiro de dança falando sozinho e saiu correndo escada abaixo. No terceiro degrau da escada, a tira de uma das sandálias arreventou e ela, para não torcer o tornozelo — coisa não muito rara para quem usa sandálias de plataforma e desce escadas correndo — largou a sandália arreventada lá mesmo, e correu manquitolando pela rua já deserta até sua casa.

O rapaz ficou tão surpreso que nem ousou correr atrás dela, mas apanhou a sandália arreventada largada na escada. “Vou achar a dona dessa sandália, e vou me declarar para ela”, pensou, sonhador. Mas veja, a sandália era de um tipo bem comum, vendido aos milhares em São Paulo. O número da sandália era 36, que junto com a numeração 35 e 37, calçam a esmagadora maioria dos pés femininos brasileiros. O que fazer? Guardar uma sandália arreventada como símbolo do amor que poderia ter sido e não foi?

Não, o rapaz podia não ser um príncipe, mas era um sujeito inteligente e de bom-senso. Virou a sola do calçado e viu, pregado nela, o nome do Brechó Flor do Bairro. No dia seguinte, ele foi até o brechó e perguntou se a proprietária sabia quem poderia estar usando aquele calçado. A dona do brechó ficou chateada pelo estrago feito na sandália — que ela pretendia vender quando a nossa heroína devolvesse o calçado e o vestido — mas contou ao rapaz quem era a misteriosa dançarina e corredora da noite anterior, e onde ela trabalhava.

Na segunda-feira, o rapaz foi esperar nossa heroína na porta do escritório da Rua XV de Novembro, no centro da cidade, onde ela trabalhava. Conversaram, se explicaram, se gostaram e se casaram, tudo no devido tempo. Não se sabe se foram felizes para sempre, mas é bem possível, e até mesmo provável. Fim!

P.S. — Qualquer semelhança desta história com um conto de fadas bem conhecido NÃO é mera coincidência. E serve para provar que contos de fadas podem acontecer — com as devidas adaptações, é claro — com qualquer pessoa, em qualquer tempo, em qualquer lugar.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Cachimbo de Barro

Por Ney Alencar

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João - PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.



“Saci rodopiando é tareia malfeita,
Saci redemoinhando é gozador,
Saci virando é malefício feito,
Cabriolando e piruetando, malignando,
É Saci girando no redemoinho,
É Matimpererê!”

— Canto de Saci

A mata era escura como breu!

Os urupês cresciam abundantes pelos troncos, cemitério de sacis!

Lá homem nenhum não ia, nem mesmo os índios. Tabu encantado!

Era terra escondida entre os vãos das serras como nenhum homem podia encontrar.

Veza por outra se ouvia uma matinta pereira assobiando ou uma mãe-da-lua cantando.

Urutau abriu os olhos pretos no crepúsculo, bem na hora em que a lua nascia e seu canto bizarro e triste anunciava assim:

“Foi, foi, foi...”

Veza por outra se ouvia um ronco de queixada brabo ou um miado alto de onça caçando.

Uma rasga-mortalha piava agourenta nas fimbrias da mata fechada.

Quando a noite se veio chegando uma parte dela se destacou e veio pulando sozinha.

“Pele de noite” veio saracoteando em um redemoinho de vento, levantando as folhas mortas e jogando os gravetos longe.

Quando o redemoinho cessou sua silhueta surgiu.

Era Saci!

A pele rutilante como ébano, o barrete vermelho, encarapuçado, os olhos pretos como carvões, chispando na noite.

Tirou uma brasa do buraco nas mãos e entupiu-a no cachimbo de barro.

Puxou com força, uma labareda surgiu vivinha!

Pulou na única perna até perto de um bambuzal e ali ficou pitando com gosto.

O fumo de corda se acendia inteirinho.

Soltava baforadas para o alto, rindo sozinho, risada de moleque malvado mesmo.

Foi então que escutou alguma coisa que só ele conseguia ouvir.

Parou e um silêncio profundo o envolveu.

Toda a mata parou pra escutar.

O ribombar de um trovão repercutiu pelo meio das serras.

Era caçador!

O moleque se empertigou todo, que aquele lugar não era pra caçador vir fazer das suas, nem era pra entrar homem sem permissão.

O redemoinho o engolfou num só giro e sumiu pela mata adentro.

Lá longe, no meio das serras o homem caçava.

Matias limpava a espingarda com cuidado.

Errara o tiro no veado-catingueiro.

Estava com raiva de si mesmo, precisava parar, respirar e descansar.

Não adiantava caçar assim, não ia conseguir pegar nada.

O coração pulava e corcoveava dentro do peito arfante, a ira não passara de todo.

Ainda lhe corroía o peito com aquele veneno ciumento.

Ver Anelene com outro homem foi a gota d'água!

As mãos tremiam que chega botava fogo pelas ventas infladas.

Respirava forte. Resfolegava.

Não adiantara sair cedinho em desabalada carreira para dentro da mata, não conseguia tirar aquela imagem maldita da frente de seus olhos não!

O corpinho tão dengoso e branco dela misturado com as cores fortes do Damião, aquilo fazia seu sangue ferver! Matava-o por dentro.

Era só nisso que conseguia pensar. Não lhe saía da cabeça.

Nem bem haviam se separado e ela já correra para os braços do amante, como se ele não soubesse que ela o traía há algum tempo.

Não podia deixar de saber, vira tudo acontecer diante de seus olhos, agora não podia desver nada daquilo. Naquela noite fatídica que chegara mais cedo do trabalho.

Deixou cair a espingarda na terra cheia de folhas mortas.

As mãos tremiam mais.

As lágrimas caíam como água fervente pela trilha recém aberta.

Deixou-se ficar assim até que foi passando tudo.

O coração aquietou-se devagar com o silêncio que o envolvia, a mata estava toda quieta.

Estranhou! Cadê os passarinhos? E os bichos?

Foi então que veio a gargalhada ribombando mais alto que o tiro de sua espingarda.

Gargalhada estridente de moleque malvado!

Um frio tremendo tomou conta de seu corpo.

Lembrava-se agora das admoestações dos amigos contra ele ir caçar naquela parte da mata virgem. Histórias de Saci! De Mapinguari e outras coisas mais, fantasmas apenas.

Mas ele não acreditava em nada daquilo, nem nas superstições bobas nem nas histórias da carochinha que contavam daquele lugar.

Queria saber apenas de caçar! Esparecer daquela loucura toda.

Tirar de cima de si aquele ciúme doentio que o atormentava! Defenestrar tudo de uma vez! Livrar-se daquele amor horrendo e traiçoeiro.

Uma raiva danada incendiou seu peito.

Será que nem caçar em paz ele podia mais?

Pegou a espingarda do chão e mirou na parte mais escura da mata. A raiva gritou!

O estouro do tiro rebolou pelo ar como se um trovão tivesse caído ali.

Todo o barulho cessou, como se a própria mata ficasse em silêncio pra ver o que iria acontecer.

Ele gritou até ficar rouco, esbravejando, deixando sair aquela raiva que lhe queimava o peito, que lhe incendiava o coração.

Agora só queria encontrar o Damião pela frente para lhe dar um tiro na cabeça.

Desabafar-se dentro de Anelene como nunca fizera antes!

A mataria em torno estava toda escura, a noite havia chegado de vez.

Nem lua havia!

Olhou os troncos que formavam uma parede preta em trono de si, nem sabia para onde voltar agora. Estava perdido mesmo!

la precisar esperar amanhecer pra ir pra casa.

Foi então que uma lanhada bateu-lhe no braço. Assustou-se de um pulo só.

Uma dor forte e uma ardência subiu-lhe pela mão e pelo braço até o ombro.

Deixou cair a espingarda, espantado. O braço adormecido pela pancada.

Olhou em torno, tentando encontrar quem o havia batido, mas não viu ninguém.

Escutou apenas aquela gargalhada debochada ribombando ao seu redor.

A voz só gargalhava, não dizia nada.

E as lanhadas seguiam-se, uma depois da outra, nas pernas, nos braços e nas costas.

Como se a própria mata estivesse revidando todo o ódio que ele trouxera dentro de si.

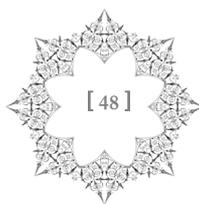
Como se a própria mata estivesse lhe dando uma surra!

Punindo-o pela ira que trouxera para aquele lugar de paz!

Enlouquecido pela dor ele tentava revidar, mas como poderia?

De manhãzinha, exausto e manso, todo lanhado, Matias retornou para casa, para a esposa traidora que o esperava já nos braços do outro!

Vingança de Saci!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Mula sem cabeça da minha infância

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Quando a noite era convidativa — bom tempo, temperatura agradável, céu estrelado — após o jantar, a meninada da vizinhança vinha para a pracinha central e após brincadeiras físicas e chegado o cansaço do dia, juntava-se num dos bancos da mesma, para brincadeiras mentais do tipo adivinhar charadas ou mais perturbador, mas não menos interessante, "contar casos".

Os meninos(as) que tinham e iam frequentemente às fazendas, sempre vinham com novidades assustadoras.

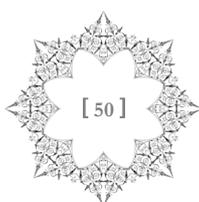
Estávamos numa idade muito influenciável — dos 8 aos 12 anos — e as histórias sobre lobisomens, vampiros, saci pererê e mulas sem cabeças faziam-nos tremer de medo.

Para mim, especialmente, as da mula sem cabeça eram muito intrigantes. Como um ser sem cabeça podia andar, correr e assustar ou ferir as pessoas?

Diziam até que solta fogo pela extremidade que seria a cabeça. Mas o pior é que diziam que ela é uma mulher que foi amaldiçoada e a transformação de mulher para mula, dá-se de uma quinta para sexta-feira. E para voltar a ser mulher só numa madrugada, depois de um galo da redondeza cantar três vezes!

Cruz-credo!

Depois de ouvir essas histórias ficava até difícil voltar sozinha para casa, principalmente se fosse numa sexta-feira. E o negócio era correr muito para ser mais rápida do que a mula sem cabeça.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Envolvida em mistérios

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



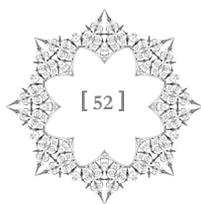
Em diáfanas belas
e desiguais camadas,
novamente, aquele alvo
"manto"... a envolvê-la.

Nos seus insondáveis
mistérios a Natureza
lá a põe como a coroa-la...
A ela e a nós,
perturba e embevece.

Quantos povos por
ali passaram e lendas
viveram em milênios
e sua história?

Lendas sobre seres...
meio homens, meio
animais... espíritos
aterrorizantes...
perturbadores...

com o seu meio
envolvidos... e tudo
o que possa criar
a imaginação...
Ou não?





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Caipora e Curupira

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Nas densas florestas, brincando
nas árvores, de galhos não precisam...
passam em meio aos seres alados
e de patas, sem os machucarem.
Navegam em meio às plantas,
sem as maltratarem...

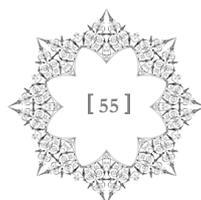
Seres protetores, rápidos como
do boitatá, o fogo-luz expelido...
e amigo, para os ajudar...
em comparável velocidade à da luz
só param para os transgressores,
punirem... Proteger é o lema!

Raios e trovões, ventania e
ensurdecidores ruídos, para
aqueles que devoram a viva
floresta, afugentar, lançados.
Enquanto os protegidos tranquilos
dormem, há batalha a vencer.

Seres invisíveis fazem-se corpóreos
e do mal, a mata livram... Mostram-se
poderosos... armas são quebradas,
humanas feras, destruídas,
quando proteger é preciso.

Não se enganem! Não os subestimem!
Ameaças para o verde e os seus seres,
eles não permitem... E o perto vira longe,
o visível, invisível... soltam peçonha e
armadilhas... e até bússola, desorientam.

Com maus pensamentos, e duvidosas
intenções, na floresta nunca entrem...
pois pelo seu bumerangue tragados
serão... e de lá, vivos, jamais sairão...
pelas leis da Caipora e do Curupira,
punidos.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Lendas do Pindorama

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Vou cantar-te no meu limite.
Não imagino se suficiente...
pois tu merecias e ainda...
aos céus, elevado, serdes.

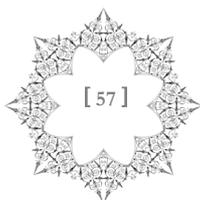
Para o teu moreno povo,
paraíso, pai, mãe e serenidade
fostes... tantos em teu peito,
fizeram morada e altar.

Brilhavas imponente e resguardado
nos simples e ingênuos
que te habitavam e protegiam, e na
sua inocência, um sonho, viviam.

Era um tempo e espaço, sagrados...
onde os seres por ti embelezados,
nos rios, selvas pradarias e ares,
à tua glória cantavam e dançavam.

Davam vidas às suas lendas... as suas
estórias viviam... e a onça-pintada
na calada da noite, em índia se
transformava e a floresta, protegia.

Mas o capiango, salve-me Tupã!
Homem-Tigre que da onça-pintada
nada de bom, tirava... surgido
de bruxaria... só desastres causava.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Sob o brilho da Lua Cheia

Por V.V.Parise

Estudante do Primeiro Ano de Psicologia na Unianchieta, Fã de Tolkien, Raphael Dracon, é Jogador de RPG de Mesa e TCG (Pokémon, Magic, Yu - Gi - Oh, etc.) e um ouvinte assíduo de Rock (tendo preferência pelo Rock Clássico e pelas variantes Heavy Metal, Gothic Metal, Symphonic Metal e Power Metal). Teve um conto publicado na Antologia "Contos Brasil" da Editora Trevo.



Já não me lembrava mais a última vez que havia colocado os pés naquelas ruas históricas de Londres, porém sabia que se realmente quisesse chegar ao meu objetivo de recomeçar meus estudos, eventualmente acabaria voltando para tal lugar. Afinal, era a minha cidade natal e também onde residiam minhas poucas e doces lembranças de infância. Sim, eu havia deixado esse nostálgico lugar logo após concluir meu “High School” (também chamado de Ensino Médio em alguns lugares do mundo), pois devido a uma grave doença minha mãe precisou passar por um tratamento que na época só estava disponível nos Estados Unidos, portanto houve a necessidade de nos mudarmos para Washinton D.C. Foi um tratamento que durou aproximadamente uns cinco anos, período em que para nos mantermos, meu pai trabalhou como assistente de um professor de Engenharia na Universidade de Howard e eu como auxiliar de embalsamamento em uma Funerária. Felizmente o tratamento foi um sucesso e finalmente pudemos voltar. Sim eu acreditei que como havíamos voltado, finalmente voltaríamos a viver uma vida normal e feliz. Como fui tolo! Sabem o por quê? Bem, lembro-me que tínhamos terminado a mudança fazia uma semana, e depois de tanto tempo longe de casa, eu estava ansioso para sentir novamente seu ar noturno e sentir as velhas ruas sob meus pés, portanto não pensei duas vezes e saí para uma caminhada noturna, afinal, estávamos nos primeiros dias do Verão, era uma noite estrelada e a Lua Cheia brilhava majestosamente, o que poderia dar errado? Mesmo que atualmente as coisas estejam muito boas, ainda hoje me arrependo profundamente desse pensamento ter passado por minha cabeça, afinal, foi ele que fez minha vida virar de ponta cabeça novamente.

Minha caminhada seguia tão calma e tranquila quanto a noite, uma reconfortante sensação de nostalgia corria pelo meu corpo, faziam cinco anos que havia deixado Londres, mas sentia como se décadas houvessem passado, me deixei levar por esse sentimento de tal forma que quando me dei conta estava na entrada de um beco, cercado por quatro homens, todos eles portando facas e um inconfundível brilho assassino no olhar que deixava tão claro quanto a luz do dia que não tinham a menor intenção de simplesmente me roubarem e deixarem por isso mesmo, eu morreria ali mesmo naquela noite. Durante o período que vivi na América, para ir trabalhar eu passava por bairros violentos, portanto me vi obrigado a aprender a me defender, e nos cinco anos que lá vivi eu acabei aprendendo uma forma de luta muito apreciada naquele país chamada MMA, mais conhecida no mundo como “Artes Marciais Mistas”, então eu tinha confiança que

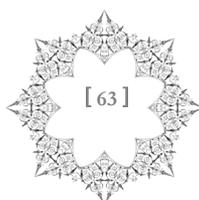
poderia lidar com um agressor, mas infelizmente ali haviam quatro, um agressor deu um passo em minha direção e acabei tomando posição de combate por reflexo, mas não tinha a menor intenção de lutar. Aliás, nesse ponto, eu estava rezando por minha vida e tentando encontrar uma forma de fugir até o Posto Policial mais próximo que encontrasse para pedir socorro, outro agressor avançou um passo, e a cadeia de eventos que se seguiu, ficou marcada profundamente em minha memória, nesse momento, uma sombra enorme pulou por cima de minha cabeça levando o agressor que estava mais próximo a mim para um telhado iluminado por um poste de luz quase falhando. Alguns segundos depois, ouvi apenas um grito sufocado daquele homem e no momento seguinte, vi cabeça dele rolar de cima do telhado até parar precisamente ao lado de meu pé. Eu sabia que aquele era o momento de sair daquele beco e deixar a carnificina rolar. No entanto naquele momento um sentimento absurdo passou por meu coração, estranhamente aquele ataque repentino daquela sombra me passou uma sensação de segurança e conforto! Os outros três restantes tentaram correr logo que seu colega de crime foi atacado, mas apenas encontraram o mesmo fim que ele pelas garras e dentes daquela veloz sombra. Não sei se foi por choque ou admiração, acabei acompanhando todo o brutal ataque, mas devido à grande velocidade que aquela sombra se movia, mal consegui acompanhar seus movimentos, no entanto, ainda que por um único momento devido ao brilho da lua cheia, acabei vendo muito mais do que esperava, eu vi felicidade; ainda que distorcida no rosto daquela fera. Ela estripava e devorava as entranhas de cada um aproveitando a carne como se estivesse em um luxuoso banquete e bebia o sangue saboreando, como se estivesse bebendo o mais caro dos vinhos. Quando tudo acabou, fiquei ainda mais surpreso ao ver aquela fera andar em minha direção enquanto palitava os dentes com o que uma vez foi a faca de um daqueles homens. A caminhada foi ficando mais rápida até que vi a faca ser jogada para o lado e o que uma vez foi a caminhada se tornou um bote certo em cima de mim, quando me dei conta estava sendo pressionado contra o chão por um ser que lembrava um lobo e ao mesmo tempo uma mulher devido aos traços delicados que podiam ser percebidos mesmo naquela face lupina.

Sangue fresco daquela enorme mandíbula com dentes tão afiados quanto ponta de lança pingava em meu rosto, mas ainda assim não sentia medo ou repulsa, tudo o que eu sentia, era apenas a dor evidente naquele olhar selvagem. Obviamente nada dessa série de eventos ocorreu silenciosamente, então não fiquei surpreso ao ouvir sirenes e policiais gritando palavras de ordem se aproximando, nessa hora a criatura também entendeu que

era hora de partir, me liberou de seu bote e foi em direção ao beco onde se posicionou para pular em cima de um telhado e poder fugir, pouco antes da criatura pular de alguma forma consegui retomar a razão e gritar um rouco “Obrigado”, assim que fiz isso me apressei para sair daquele lugar quase tão rápido quanto a criatura, afinal, quem acreditaria que fui salvo por um ser sobrenatural? Quando cheguei em casa, minha mãe me perguntou se eu estava bem, pois meu rosto estava pálido, de alguma forma consegui convencê-la que eu estava bem e que meu rosto só estava daquele jeito, pois eu estava cansado e que só precisava jantar e ir dormir. Após o jantar, me retirei para meu quarto para me preparar, afinal no dia seguinte começaria minha tão sonhada faculdade de Psicologia em Cambridge e tentar dormir, isso é, se fosse possível, pois se não bastasse minha ansiedade, o que tinha acontecido comigo naquela noite também não me ajudava em nada com meu sono. De alguma forma consegui dormir, mas foi uma noite de sono péssima comigo acordando hora sim, hora não, entretanto, no dia seguinte apesar de estar parecendo um zumbi comecei minha vida universitária. De fato, era meu primeiro dia de aula, no entanto, elas já haviam começado durante a semana que eu estava de mudanças, portanto como não conhecia o campus, o professor que estava aplicando a primeira aula do dia pediu para uma aluna chamada Isla Loahr me apresentar o lugar na hora do almoço. Isla era uma bela garota com olhos castanhos, cabelos negros como a noite e pelo que consegui reparar durante as aulas da manhã, ela era também alguém muito inteligente e de personalidade discreta e reservada. Mas o que realmente me surpreendeu foi o fato que ela, uma garota com tal beleza e inteligência, não possuía um namorado e todos a olhavam como se ela fosse algum tipo de “Fruto Proibido”, até me passou pela mente perguntar o porquê dessas reações, mas deixei a ideia de lado, até porque, aquele era nosso primeiro contato e obviamente ninguém é estúpido o suficiente para sair contando algo tão pessoal para qualquer um que conhece por aí certo? De qualquer modo, não sei se foi o fato de termos algum tipo de “Personalidades Compatíveis” ou apenas empatia por ela ser meu primeiro contato em um ambiente estranho, mas senti uma estranha conexão com ela, uma sensação de segurança semelhante a que tive na presença daquela fera na noite anterior. Sentimentos a parte, nesse dia para agradecer Isla por ter me guiado pelo campus a convidei para tomarmos um café após as aulas em uma cafeteria ali perto antes de voltarmos para nossas casas, convite esse que ela aceitou de muito bom grado. O tempo que passamos na cafeteria foi muito agradável, e quando nos demos conta, estávamos em uma discussão sobre cinema, literatura e como a psicologia exerce

influência sobre ambos. As coisas estavam indo bem quando de repente notei uma sutil mudança no olhar de Isla, por um momento eles ficaram mais “brilhantes” passando uma aura ligeiramente “selvagem” para aqueles olhos castanhos, nesse momento ela teve um pequeno espasmo em sua mão direita levando-a à soltar a xícara de café que segurava resultando em uma xícara quebrada e um chão sujo, nesse momento por reflexo segurei a mão dela e ela apertou a minha com uma força que não esperava que ela tivesse, enquanto ela apertava minha mão perguntei se ela estava bem, ela respondeu que sim, mas estava cansada, que só precisava ir para casa e dormir. Ela tinha um ponto, afinal, já eram aproximadamente sete e meia da noite e havia sido um dia cansativo para ambos, foi cansativo para ela porque havia me mostrado o campus e para mim porque não havia dormido quase nada na noite anterior, portanto fiz questão de compartilharmos nossos números de celular e pedi para que ela me ligasse assim que chegasse em casa, ela prometeu que o faria, nos despedimos e à luz da lua cheia e velhos postes de luz, cada um seguiu seu caminho. Cheguei em casa, tomei um banho, jantei e me retirei para meu quarto para revisar as matérias do dia e ouvir um pouco de “Blackmore’s Night” antes de dormir e, por algum motivo suas músicas me fizeram pensar em Isla que até aquele momento ainda não havia me ligado, o que me fez ir dormir com uma pequena ponta de preocupação, no entanto, nesse dia eu consegui ter uma boa noite de sono. No dia seguinte, uma notícia nos noticiários da manhã me fez questionar se Isla realmente havia chegado com segurança em casa, aparentemente a criatura havia atacado novamente, mas dessa vez o ataque havia acontecido nos arredores de Ely, cidade próxima a Universidade de Cambridge e também onde Isla morava. Felizmente minhas preocupações foram desnecessárias, pois a vi sentada em seu lugar de costume assim que adentrei a sala de aula. Os dias foram passando e eventualmente Isla e eu acabamos nos aproximando, mesmo que as vezes ela se sentisse relutante em falar sobre ela e evasiva quando perguntava algo relacionado a sua família, sempre que conversávamos eu tinha a sensação de que Isla “pesava” cada palavra antes de dizer, sem contar que durante esse tempo, também notei que ocorriam certas mudanças no comportamento dela durante as semanas de lua cheia, nesse período sua agressividade aumentava, ela faltava às aulas, evitava sair à noite, consumia com maior frequência carne mal passada e parecia mais distante que o normal o que era reforçado ainda mais por aquele olhar “selvagem” que havia presenciado na cafeteria, isso me intrigava e talvez não só devido a sua beleza, mas também à toda essa aura misteriosa que ela passava, eu não me dei conta, mas pouco a

pouco fui me apaixonando por ela. Um dia enquanto estávamos na biblioteca fazendo pesquisas para uma atividade que faríamos na semana seguinte e eu me encontrava quase enterrado em uma pilha de livros de Jung, Isla me perguntou o que eu faria se Lobisomens existissem e ela fosse um, tal pergunta inesperada foi tão desconcertante que quase derrubei uma parte de meus livros, nesse momento eu me lembrei e falei para ela do “Caso Romasanta”, um assassino em série que afirmava ser um Lobisomem, mas na verdade não passava de um caso complexo de “Licantropia Clínica”, em outras palavras, uma doença mental. Isso gerou um debate saudável entre nós, mas acabei admitindo que se fosse verdade eu não me importaria, afinal, sempre achei lobos animais lindos e ter um convivendo comigo me deixaria muito feliz, foi estranho, mas, assim que ela ouviu essas palavras seu semblante ficou mais leve, como se um peso tivesse sido retirado de seus ombros. Mais alguns meses se passaram e finalmente as férias chegaram, seria mentira se eu dissesse que não fiquei surpreso quando Isla me convidou para passar uma semana de férias com ela e a família dela acampando nas proximidades de um parque florestal em Swansea, uma cidade no País de Gales. Aceitei o convite, porém, quando o fiz, não tinha a menor ideia que isso destruiria totalmente minha noção de realidade e fantasia. Na noite antes da partida, para facilitar a viagem, acabei precisando dormir na casa de Isla, após o jantar fui informado que dormiria junto com Isla em seu quarto agradei e me retirei junto com ela, porém, antes de entrarmos ela pediu para eu aguardar um momento. Pouco tempo depois ela me pediu para entrar e me recebeu completamente nua, assustado pedi que ela se vestisse, no entanto ela falou que isso era necessário, não estava entendendo o motivo até ela começar a se transformar na minha frente na criatura que havia me salvado naquela fatídica noite em Londres. Não houve mais necessidade de palavras, a verdade estava clara, Isla era um Lobisomem e eu já estava completamente apaixonado por ela, tamanha paixão me levou a tomar a decisão de também me tornar um, fui questionado por ela se eu realmente queria isso, respondi que sim, então, no solstício de outono do ano seguinte na presença de seus pais ela me transformou. Meu nome é Alan Doyle e essa é a minha história, de como me apaixonei e como essa paixão me transformou em um Lobisomem.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**